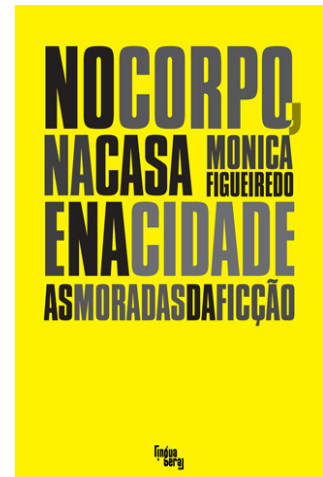


**FIGUEIREDO, MONICA.
NO CORPO, NA CASA E NA CIDADE:
AS MORADAS DA FICÇÃO. RIO DE JANEIRO:
LÍNGUA GERAL, 2011.**

*Eduardo da Cruz
(Universidade Federal Fluminense)*

Monica Figueiredo assume, logo no princípio do livro, que mantém um envolvimento longo com o principal autor estudado em seu ensaio: Eça de Queiroz. Esse escritor tem sido alvo de sua pesquisa desde o doutorado e é seu companheiro pessoal de longa data, sendo lido por prazer desde a adolescência da autora. Desse longo vínculo, uma preocupação emerge de suas publicações, frutos de uma investigação animada e criteriosa: a relação entre Literatura e Sociedade, num diálogo constante entre narrativas contemporâneas e as do fim do século XIX, sobretudo na literatura portuguesa.



Antes, contudo, de começar a leitura de *No Corpo, na Casa e na cidade: as moradas da ficção*, é preciso ouvir a recomendação que Teresa Cerdeira faz na orelha: “não se afobe não. Entre devagar neste livro”. Afinal, a ensaísta propõe-se em seu livro a ouvir um discurso quase inaudível: a voz e a luta de mulheres em espaços que não são habitados sem embate, sem dor. “Viver no corpo, na casa e na cidade não são experiências simples” (FIGUEIREDO, 2011, p. 14). Essa dificuldade, ou complexidade, é observada e discutida a partir da análise das personagens femininas de quatro romances portugueses: *O Primo Basílio*, de Eça de Queiroz; *O Vale da Paixão*, de Lídia Jorge; *Pedro e Paula*, de Helder Macedo; e *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago. Foi lenta a emancipação feminina entre os dois fins de século comparados pela via literária. Infelizmente, ainda não é uma liberdade absoluta. Se muitos direitos foram conquistados pelas mulheres em pouco mais de cem anos, não foi fácil essa aquisição, numa longa história de sofrimento e repressão. O livro guia o leitor pelos caminhos dessas personagens, com todos seus obstáculos, ajudando de alguma forma

a amplificar a voz delas. Se é de ficção que se trata, não se pode esquecer que Aristóteles, em sua *Poética*, explica que esse tipo de narrativa é aquele que relata o que é possível acontecer. Monica Figueiredo encaminha sua leitura desses livros focando em três temas ou espaços, ou melhor dizendo, três “moradas”, escolhidos precisamente para “falar do mundo”.

A discussão começa pelo *Primo Basílio*, ou, melhor dizendo, por Luiza. A personagem queirosiana funciona não apenas como ponto de comparação para as demais protagonistas analisadas (Paula, a filha de Walter, e a mulher do médico), ela é sobretudo exemplo das barreiras impostas às mulheres em nossa sociedade e da dificuldade – que beira a impossibilidade – de as ultrapassar. Luiza é apresentada como aquela que precisava conquistar os três espaços a que estava vedada: o corpo, a casa e a cidade. Mais do que isso, é aquela que precisa “construir um discurso que lhe garantisse a existência e que justificasse o seu atrevimento desejante” (FIGUEIREDO, 2011, p. 22).

Esse livro aproxima Luiza das outras três personagens femininas, ligando dois fins de século, apoiando-se nos estudos de Richard Sennett, que vê o século XX em sua relação com a época vitoriana, “quando tudo aquilo com que acertamos contas hoje em dia foi efetivamente criado” (FIGUEIREDO, 2011, p. 19). Assim, apesar de a autora indicar que considera “literatura contemporânea aquela produzida após o 25 de abril de 1974, ou mais especificamente, aquela produzida a partir da década de 80” (FIGUEIREDO, 2011, p. 23), não é difícil, a partir de seu ensaio, perceber Eça de Queirós como nosso contemporâneo. Como na letra de Ary dos Santos, “Há cem anos que eu canto esta canção/ sem cabeça porém com coração./ Porque o País do Eça de Queirós/ ainda é ... o País de todos nós!...”

Os quatro romances analisados exibem uma “atmosfera de crise” (FIGUEIREDO, 2011, p. 19), uma “visão mais ou menos desalentada do tempo referencialmente histórico e, talvez por isso, eles sejam livros tristes” (FIGUEIREDO, 2011, p. 20). O leitor não deve mesmo se afobar. Apesar de o livro ser dedicado especificamente a esses romances, o tema analisado é muito mais amplo. Não é a literatura portuguesa repleta de “livros tristes”? Vitorino Nemésio, comentando *Eurico*, de Alexandre Herculano, e *Frei Luís de Sousa*, de Garrett, “soluções românticas de uma velha crise-tipo da vida do Português” (NEMÉSIO, 2000, p.177), compara-os a *Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro, e *Só*, de António Nobre: “dos quatro que citei, e a que se não pode negar, creio eu, não só o denominador comum dessa tristeza confessada e dessa saudade sentida, mas o carácter de livros eleitos do povo português” (NEMÉSIO, 2000, p. 177). A tristeza não é matéria nova na literatura portuguesa, mas parte de uma longa tradição. Além, é claro, de marca de uma longa crise. Mais acentuada ainda se focarmos, na esteira do que faz Monica Figueiredo, na figura feminina que abre o livro de Bernardim contando que “menina e moça me levaram da casa de meu pai para longes terras”. Em uma sentença relata que não tem o controle de seu corpo, de sua casa, muito menos da cidade, pois ela é “levada”, não

sendo sujeito dessa mudança. Também cabe aqui destacar a posse da casa. A edição de Ferrara (1554) indicava a casa como sendo da mãe. A partir da edição de Évora (1557-58), passou a ser do pai, para obliterar (segundo Helder Macedo) uma marca da tradição judaica e ficar mais condizente com a tradição paternalista portuguesa.

No Corpo, na Casa e na cidade não se refere apenas à literatura. Os problemas enfrentados pelas personagens femininas analisadas não são restritos às situações em que se encontram ou apenas à sociedade portuguesa. Se alguns dos romances apresentados possuem uma ligação explícita com Portugal, a crise burguesa ou capitalista não é um fenômeno estritamente português. A repressão às mulheres é histórica e, infelizmente, presente em todas as sociedades. Além disso, a obra de Saramago escolhida para análise possui um tom universal ao “ensaiar” sobre a relação entre barbárie e civilização em nosso mundo.

O livro tem, portanto, bem clara a preocupação que o acompanha ao longo dos quatro estudos e que os interliga: ouvir como essas narrativas falam de uma crise do capitalismo avançado, cujos indícios são recolhidos, ou percebidos, já na sociedade burguesa do fim do século XIX – mais especificamente, a tirania a que são submetidas as mulheres. Ao longo do livro, a autora demonstra conhecimento amplo das questões sociais e históricas que atravessam nossa sociedade, e a situação portuguesa em particular, apoiando-se em estudos de Zigmunt Bauman, Walter Benjamin, Marshall Berman, Michel Foucault, Peter Gay, Habermas, Antônio Cândido, Eduardo Lourenço, entre outros, para uma melhor compreensão de que cultura está sendo discutida. Isso tudo intimamente relacionado com a leitura das ficções estudadas e costuradas com versos de MPB, trazendo não apenas uma leveza ao texto mas também indícios da universalidade do tema abordado e de sua ligação com nossa cultura.

Contra a problemática de sua situação, o livro destaca a audácia das personagens. “Guardadas as devidas proporções, cada uma delas, a seu modo, teve que lutar com o tempo histórico a que estava circunscrita pela aquisição de conhecimento que nem sempre era permitido” (FIGUEIREDO, 2011, p. 21). De todas as impossibilidades de Luiza à posse do corpo, da casa e da cidade por Paula, pela filha de Walter e pela mulher do médico, um longo caminho foi percorrido. A diferença entre elas parece estar não na proibição, mas no resultado de suas ações, passando pela aquisição de um discurso.

Vencer um mundo organizado pelo desejo masculino era mesmo uma tarefa difícil para a gaguejante Luiza, que pagou caro por seu atrevimento questionador. Um século depois, caberá a Paula e à filha de Walter romper com poder patriarcal representado por Jorge na época vitoriana. A mulher do médico, por sua vez, terá de enfrentar um poder masculino retornado à primitividade, mantido sob a violência e atento somente às leis da sobrevivência. (FIGUEIREDO, 2011, p. 313)

As Moradas da Ficção é construído no desejo, pois surge do assumido prazer de sua autora na leitura dos quatro romances analisados e, sobretudo, de sua intensa relação com Eça. É, também, dedicado a quatro “mulheres de papel”. O estudo acompanha Luiza em suas tentativas de tomar posse de sua casa, de seu corpo e da cidade, numa época em que, às mulheres, desejar era ousar. Ele passa pelo corpo sedutor de Paula, pela filha de Walter que busca uma casa, e segue a mulher do médico, a única que não é atingida pela cegueira branca, a que testemunha o inominável da barbárie, sendo a única verdadeiramente humana caminhando e guiando numa cidade que deixou de ser abrigo. É um livro que não termina, ou que não pode ainda fazê-lo, pois mantém o desejo de um novo começo, com a manutenção de um discurso feminino para sempre abrigado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MACEDO, Helder. *Do Significado Oculto da Menina e Moça*. Lisboa: Moraes, 1977.

NEMÉSIO, Vitorino. Dois Centenários Românticos: *Frei Luís de Sousa* e *Eurico*. In: *Ondas Médias*. Lisboa: INCM, 2000

Recebido para publicação em 15/05/12.

Aprovado em 15/06/2012.